

“Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas”

Com essas palavras, que intitulam a presente edição da revista *outra travessia*, Oswald de Andrade manifestava, já em 1928, no *Manifesto Antropófago*, a emergência de uma ciência do vestígio errático, um pensamento com a potência singular de produzir roteiros que considerassem o apelo, o repertório e o uso antropofágico – isto é, ilegítimo – de artefatos culturais de várias espécies. Longe da sobredeterminação da origem, o *Manifesto* postulava, assim, a gambiarra como uma exogâmica marcha para o novo e incerto em resposta a necessidades declaradas (“Da equação *eu* parte do *Kosmos* ao axioma *Kosmos* parte do *eu*”; “A transformação permanente do Tabu em totem”), e a evidência do *readymade* como iluminação profana de outras possibilidades de existência – porque, fazendo antropofagia às claras, deixa-se também à luz o devorado. Borges e Guimarães Rosa, por sua vez, nas décadas de 20 e 30, em rigorosa leitura de teorias da quarta dimensão – Ouspensky, Hinton, Einstein, etc. –, pensaram a identidade como o chamado de um espectro, isto é, como ficção eventual, sempre dependente de condições espaço-temporais de urgência, vontade ou atuação. Por isso, fizeram do sertão e das *orillas* marcos de referência, cuja ex-posição também deixava à vista os perigos de toda pretensão universalista.

Sabe-se do papel que o naturalismo romântico teve na constituição das literaturas americanas como catalogações do mundo próprio, do instinto ou do específico nacional; também da relevância dos modelos cosmológicos para o pensamento barroco e da importância da teosofia e do ocultismo para o pensamento analógico do Modernismo *fin de siècle*. E se sabe, ainda, do papel que na arte contemporânea têm o conhecimento informático e as novas tecnologias, com mudanças na sensibilidade comparáveis àquelas produzidas pela irrupção da imagem cinematográfica no século XX, agindo sobre práticas escriturais contaminadas por suportes como o *blog*, o *site*, as redes sociais, os motores de busca, etc., que tendem a operar com base em

procedimentos lógicos e interacionais. Roteiros, aparelhos, mapas. Roteiros.

Na cena contemporânea, de todo modo, parece ser fundamental não só acreditar nos sinais, nos instrumentos e nas estrelas, mas ainda creditá-los, ou seja, pensar modos pelos quais repercutem de maneira significativa se e quando colocados em contato imediato com a arte. Por isso, a *outra travessia*, no seu número 20, propõe a reflexão sobre esses virtuais contatos, ou seja, sobre apropriações, profanações e usos que literaturas e artes fazem de instrumentos, protocolos, artefatos e conhecimentos provenientes de âmbitos tidos a princípio como “não-artísticos”.

Em resposta à nossa chamada recebemos as contribuições de pesquisadores de dez instituições de ensino superior, e de três países, que abordaram essas apropriações, profanações e usos de maneiras tão diversas que acabaram por conformar uma constelação singular que interessa descrever brevemente.

Renata Farias de Felipe e Anselmo Peres Alós, em “Da tela à vitrine – reincidências no romance brasileiro contemporâneo”, se valem do conceito de *prosa de vitrine* de Flora Süssekind para ler o romance *O dia Mastroianni* (2007), de João Paulo Cuenca, na perspectiva de uma ficção que incorpora referências provindos de linguagens “não-literárias”. Mostram, assim, uma sensibilidade engajada em procurar assegurar a permanência, ou a insistência, de um literário singularizado pela sua não-autonomia, pela sua abertura com respeito a muito do que lhe seria “exterior”.

Em “Da religiosidade: entre místicos, bestas e soberanos”, Rafael Alonso aborda a chamada “crise da religiosidade” e algumas das contrastantes respostas a essa crise que, elaboradas por pensadores como Agamben ou Bataille, e em diálogo com postulações de Jean-Luc Nancy, Jaques Derrida e Vilém Flusser, permitem remontar os instrumentos teóricos e colocar em questão a própria exigência da profanação.

Em “A Quarta Dimensão do Instante-Já”, Marcele Aires Franceschini vincula a quadridimensionalidade em *Água viva* (1973) de Clarice Lispector com o saber dos indícios manifesto por Oswald de Andrade em 1928, e, ainda, com uma tradição de vanguarda que, no século XX, se valeu de conhecimentos provindos da Física Teórica para questionar uma noção absoluta do tempo, assim como os conceitos de valor a ela associados.

Focando numa vertente plausível, embora marginalizada, de interpretação da Modernidade, Rita Catania Marrone, em “Fernando Pessoa, herdeiro do mundo mágico”, explora as raízes ocultistas da poética pessoana. Após localizá-la numa tradição que, de Ficino a Bruno, de Goethe a Newton, de Yeats a Elliot, fez do esoterismo, da astrologia, do hermetismo e de

outros conhecimentos desprestigiados pelo paradigma racionalista (tema, aliás, sobre o qual Aby Warburg se debruçou com largo interesse), a autora toma tal campo de saberes, condenados em função de seu teor tido por “irracionalista” (na leitura de Alfredo Bosi, p.ex.), como uma chave de leitura e de criação que, longe de renunciar a uma interpretação do mundo, procurava reelaborá-lo poeticamente.

Natalie Lima, em “Sobre ver o invisível”, com base em uma noção expandida do campo literário, em que não se desdenham, por exemplo, as artes do visível, propõe uma teoria que não renuncia a se compreender a si mesma como escritura, uma produção conceitual que não se opõe à produção ficcional, e uma ciência do vestígio errático ao mesmo tempo impressiva e performática, imagética e gestual.

Em “Narradores bastardos – Salman Rushdie e Guimarães Rosa”, Telma Borges propõe um estudo comparativo dos romances *O último suspiro do mouro* (1995) e *Grande sertão: veredas* (1956), vinculando alguns motivos e procedimentos de escritura com uma noção de escrita bastarda que, de uma perspectiva contemporânea, realizaria uma contra-escrita da história, estória ou re-relato, que resultaria na descolonização da voz narrativa.

Paula Oliveira Campos Augusto, em “Reciclando a Tropicália: Tom Zé e o lixo lógico”, analisa o disco-tese *Tropicália lixo lógico*, de 2012, como um campo dialogal, em que o popular se encontra permeado pela alta cultura. A autoria, com isso, se deixa comover pela antropofagia da leitura, o que leva o monumental da obra a ceder espaço a uma reciclagem que questiona, pela sua incorporação de dejetos ou restos, a centralidade de referências hegemônicas no âmbito cultural brasileiro.

“Pensar em imágenes. Montaje y tensiones en el arte contemporáneo”, de Paula La Rocca, constitui uma aposta por um pensamento *da* imagem no cenário contemporâneo. Como a autora explicita, entender as mutações que esse pensamento acarreta implica não só uma poética da sobrevivência, ou do anacronismo, mas também uma articulação em que a montagem, ou uma lógica da montagem, configura o próprio discurso crítico como uma abertura a outras possibilidades de existência.

Em “Em torno da luz cristalina...”, Cristiano Moreira lê a poesia de Pedro Salinas e Jorge Guillén como iluminação profana de uma história catastrófica. Para tanto, vale-se do conceito de *Stimmung*, recuperado por Giorgio Agamben, e procura mostrar como a clara voz, ou *phoné*, coloca-se para além de um *logos* pressuposto como absoluto.

Gustavo Silveira Ribeiro, em “A noite explode nas cidades...”, ensaio de ativismo crítico, lê o livro eletrônico *Vinagre: uma antologia de poetas neobarracos*, organizado por Fabiano Calixto e Pedro Tostes, em relação com as manifestações de rua de

Junho de 2013, tomando a rede como espaço de produção, gestão e divulgação de criações poéticas e políticas.

Tatiana Alves Soares Caldas, em “Do recado da terra aos sinais das estrelas”, estuda o livro de contos *Estórias abensonhadas* (1994), de Mia Couto, de uma perspectiva pós-colonial, o que lhe permite ler no acervo lendário e mítico africano, através do motivo do sonho, traços de identificação soterrados por um passado de guerra e violência.

Agradecemos a todos os colaboradores deste número – avaliadores, revisores, equipe editorial –, assim como a todos os autores que submeteram seus trabalhos à nossa avaliação. Especialmente, queremos agradecer a Artur de Vargas Giorgi, que generosamente nos cedeu a imagem – intitulada *A boa sorte* – que compõe capa e contracapa desta revista. Essas contribuições montam neste número uma *constelação considerável*, e nos lembram mais uma vez que é fundamental, em relação às artes e às literaturas, pensar o *com* e pensar-se *com*. Esse incomum, ou seja, invulgar ser em comum que pode ser vislumbrado em maneiras de compor narrativas, de produzir ou poetar gestos e imagens à roda do enigma do estar juntos, ou separados, presentes ou ausentes, como estão as pequenas manchas luminosas em uma noite de céu aberto.

os editores